

Portugal 2027: O Dia em que a Esmola Acabou

Publicado em 2025-07-16 16:27:16



Por Francisco Gonçalves

Chegou o dia.

O ano é 2027.

O último pacote de fundos europeus foi transferido.

O último cêntimo da bazuca caiu.

E com ele, desabou a ilusão.

Portugal ficou nu.

Sem maquilhagem. Sem cortinas.

Sem os milhões que alimentavam os vícios, os compadrios e as obras de cosmética para mostrar à Europa que "aqui também se progride".

Mas progride-se onde, senhores?

- Nos contratos adjudicados aos amigos?
- Nos gabinetes cheios de "assessores" de partido?
- Nos milhões evaporados em "formações" de utilidade zero?
- Nas rotundas onde floresce o cimento mas não há pão?

Durante décadas, Portugal viveu da esmola europeia como um viciado que troca a liberdade pela dose. E em vez de usar os fundos para se levantar, usou-os para continuar de joelhos.

Os municípios tornaram-se máquinas de sugar dinheiro.

Cada câmara um feudo, cada presidente um senhor do alcatrão. Nepotismo, corrupção, tráfico de influências — tudo embrulhado num laço de "progresso".

Mas a verdade é que **os municípios não desenvolveram territórios — desenvolveram redes.**

E a Justiça?

A Justiça foi ver a tourada, comeu pipocas, e acenou à audiência.

O julgamento de José Sócrates é o monumento à rendição institucional.

Um processo que deveria ser exemplar, e que se tornou **um aviso a todos os corruptos: "não tenham medo, que aqui ninguém vos toca."**

Uma Justiça que hesita perante os poderosos, mas não hesita em desalojar pobres.

Uma Justiça que persegue quem denuncia, mas protege quem corrompe.

E agora?

Agora, em 2027, o castelo de cartas ruiu.

Os municípios estão falidos.

O Estado, endividado.

As empresas públicas, sem colchão.

A máquina partidária, desorientada sem os seus contratos gordos.

E o povo?

O povo, esse, acorda para uma nova realidade:

a realidade de um país que nunca se preparou para viver de si mesmo.

A agricultura está moribunda.

A indústria foi desmantelada.

A ciência é desprezada.

Os jovens já partiram.

Os velhos morrem nas urgências,

e os trabalhadores vivem com salários de miséria em casas sobrelotadas.

A pergunta não é "o que será de Portugal".

A pergunta é: **"o que faremos nós quando a ilusão acabar?"**

Porque uma coisa é certa:

- O país das rotundas não resiste sem gasolina europeia.
- O país dos compadrios não sabe viver sem fundos.
- O país dos corruptos não sobrevive quando o pote está vazio.

Talvez, no vazio, surja a oportunidade.

De refundar. De reerguer. De limpar.

Mas só se o povo acordar.

Só se disser basta.

Só se recusar a ser mais uma peça nesta farsa institucional.

Portugal não precisa de mais milhões.

Portugal precisa de **visão, justiça, ética e coragem.**

Ou continuaremos a ser o país onde os fundos secam...

... e os corruptos nadam.

"Feliz, feliz foi o Alibaba que só conheceu 40 ladrões "